

1912

—
Março 2



N.º 6

—
Volume 1.º

A MASCARA

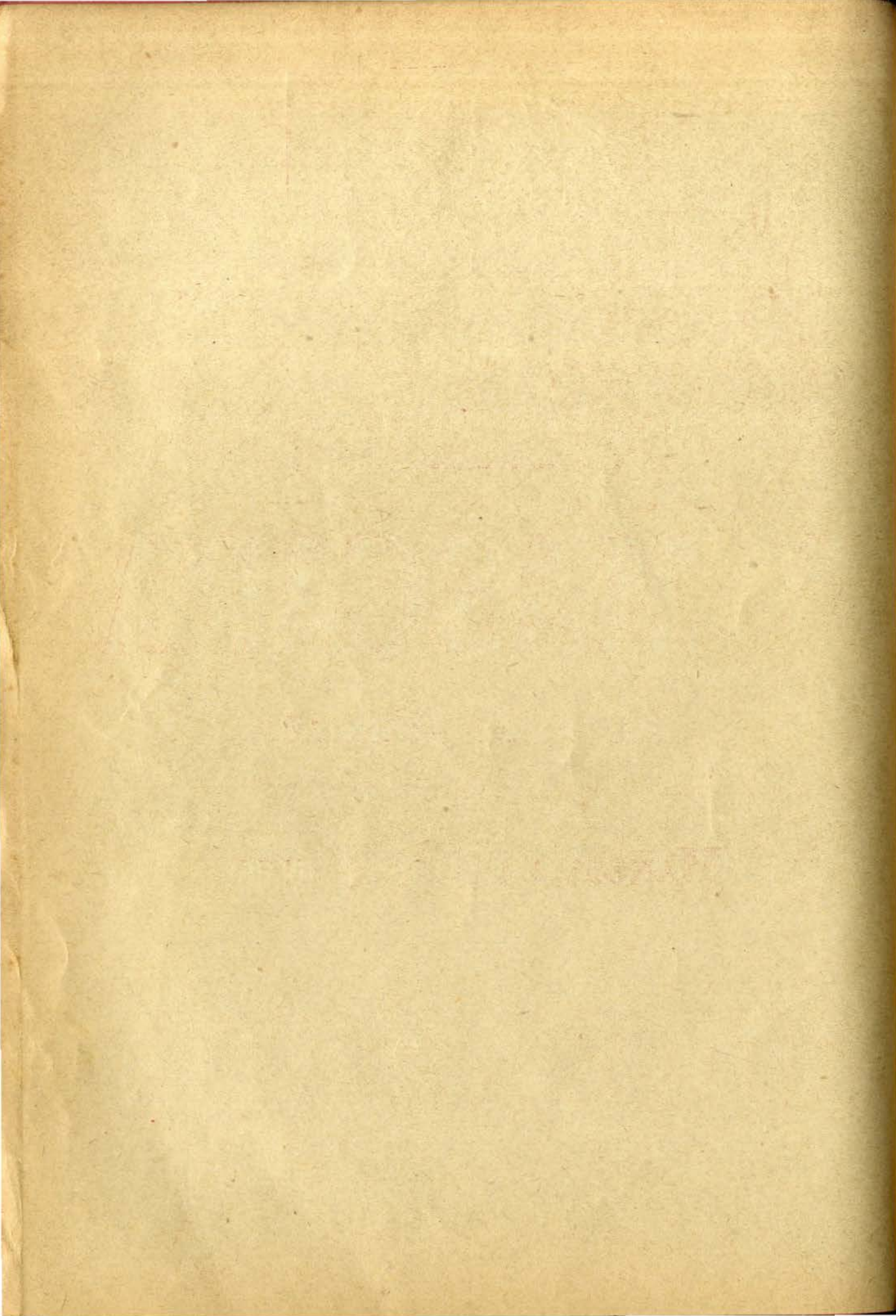
Arte—Vida—Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.ª
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA





A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 2 de Março de 1912

XVII — Anteu. *Poema por João de Barros.*
(F. França & Armenio Amado, editores.
Coimbra 1912)

COM o ousio dos poetas, desejosos de vergar ao capricho da sua musa os symbolos de outras eras, João de Barros, o grande artista d'esse viçoso livro *Terra Florida* — rosea amendoeira de Março, entre os mortiços chorões invernaes da lusa poesia contemporanea — foi buscar á velha mythologia, pagãmente eterna, dois nomes, apenas dois nomes: Hercules e Anteu, para com elles construir o seu poema recempublicado, que representa ainda, a dentro da obra estimulante do consagrado cantor da vida, em que João de Barros, desde muito moço, se constituiu, um hymno masculino, altivo, férvido, á gloria de viver para ousar e conseguir.

João de Barros tornou-se, em arte, uma individualidade inconfundivel, destacavel em qualquer litteratura, e extraordinariamente marcante na do seu paiz, pela lufada exuberante de alegria, de força, de confiança na lucta, que dos seus volumes, fecundos de magnificas sementes, incessante, incitantemente, se ergue.

E', sem contestação, o mais viril dos poetas do seu tempo, o de mais vibrante mocidade, o mais sadio; um cytharedo ousado, que, quando emancipado da sua ancia evangelisadora de apostolo, um tanto absorvente em alguns dos seus trabalhos, se volve no mais ardente, louco, perturbante, bardo da

volupia creadora, do amor violento, da sensualidade desabrida, em versos que são como labios sangrando entre beijos, e ganham, na expressiva linha do seu desejar, curvas inseparáveis de grilhões.

Essa sua saude, esse seu fremito apaixonado, continuo, fanatico de viver mais em cada instante, fazem-no ser, perdido num meio de perpetuo, esmorecido, abatimento, um poeta á parte, que, ou se adora sem restricções, ou se detesta sem attenuantes; o heroe de paixões e antypathias fundas; o auctor temido, que as mulheres veem, ou com odiosos olhos, ou com olhos desejosissimos; e do qual, um inimigo, ao pretender defini-lo um «Vesuvio poetico», disse, sem o suspeitar, toda a febre, todo o estudo, todo o ebulicionante refervor indomavel, do seu privilegiadissimo talento.

Sendo o poeta das caricias que ferem e criam como um arado, rasgando inolvidaveis, germinantes, sulcos voluptuosos na carne a arrotear:

*Para o teu corpo o meu desejo é como o fogo:
Tem mãos de chamma!*

— é tambem João de Barros, algo nietzscheneamente, o vate por excellencia da ambição; não da ambição vil, que rasteja e inveja, mas de um ambicionar incessante, maior, que, de azas sempre pandas, traz as almas suspensas na amplidão:

*— em frente á vida,
Aos homens sobre a Terra, ás ondas sobre o Mar,
Aos horisontes que ninguem pode alcançar,
E' sempre esta ambição, esta febre insoffrida
De conhecer, de dominar, de conquistar!
Ah! segurar nas mãos o mysterio do mundo,
E sabê-lo prender no meu peito profundo
Em vez do coração!
Para depois ouvir, latejando nas veias,
Seivas da Primavera e do Outomno fecundo,
Os rythmos do Universo, o erguer das marés cheias,*

*Bater perdidamente a cada pulsação!
Não soffrer nunca mais a duvida certa
De sómente abranger minha propria incerteza:
— Ser mais do que homem, ser a consciencia inteira
De toda a natureza! . . .*

Assim canta este poeta da acção, da affirmacão, da victoria, cujos versos, melhor do que os de certos auctores escolhidos, poderiam bem figurar numa *Anthologia do Esforço*, agora publicada em França, e que, pelo impeto arrojado, pela destreza arremetente, pela masculina belleza da sua arte, suggere a figura de um adolescente robusto, posto no cimo de um rochedo marinho, a brandir, com rhytmo sonoro e amplo, uma funda veloz, carregada de beijos, de rosas, de estrellas, sobre a immensidade glauca do mar, sob a azul immensidade do ceo, com os olhos amorosamente cravados na sua visão enorme da vida.

*

Nos livros que até agora publicara, essa ambição, que representa uma das suas grandes forças, era sempre exaltada por João de Barros como irresistivel, indesilludivel, incontrariavel. Crystallisando-a recentemente em Anteu, modificou o poeta algum tanto a sua ideia motriz.

Dir-se-hia ter o seu accentuado optimismo feito, passageiramente, uma pequena concessão á realidade dolorosa.

Como todos os seus heroes, Anteu, o novo heroe de João de Barros, vence pela sua obra, mas é, covarde, ingrata, estupidamente morto, antes de a ver triumphar, pela multidão, que sempre serviu e amou, e se deixa impellir até ao crime pela voz ôca do Tribuno.

Isso, porem, nada rouba ao valor inderrubavel do filho da Terra. Elle mandou para o mar alguns navios a pesquisar novas paragens, certo de que a estrella polar — cuja bussola experimentara — os traria ao porto a salvamento. Os barcos

tardam dias, sem que no remoto uma vela branqueje. A cidade, que Anteu edificara, impacienta-se, deplora, invectiva.

É a dôr das mães, das noivas, das irmãs, das esposas e das amantes, exprimindo-se em versos admiraveis, que são dos mais commovidos e enternecedores que João de Barros tem escripto:

AS MÃES

*Os nossos filhos! . . .
Os nossos filhos, não voltam mais!
Morreram longe, longe! E os seus ais
Não encontraram o nosso peito,
Leito mais largo que o largo mar,
Pra descansar! . . .
Não voltam mais! . . . Pobres de nós!
Quem ia ao leme, quem, nos navios?
— A Morte! A Morte!
Malditos sejam os navios,
Barcas de Morte!*

AS ESPOSAS E AS AMANTES

*Oh! a lembrança dos beijos idos,
E dos abraços que apertam tanto,
E dos suspiros e do quebranto! . . .
— Os nossos homens, não voltam mais!
— Nossos amantes, não voltam mais!
E a alma, a força do nosso lar
Dorme no fundo do mar,
Dorme e não torna a accordar,
Jámais!
Malditos sejam os navios,
Barcas da Morte por sobre o Mar!*

Aproveitando o soffrimento da multidão, o Tribuno muda-o em colera contra Anteu, traiçoeiramente:

*Certo não buscareis matar, assassinar!
Mas se a morte surgir do vosso gesto irado.
E se, flor que annuncia as novas primaveras,
O sangue germinar d'um corpo inanimado,
A espada, que a Justiça ergue nas mãos austeras,
Não perderá por isso o brilho immaculado!*

Levado por esse palavroso odio ao heroe bemfazejo, o povo lapída Anteu. Neste momento, os navios, que se julgavam perdidos, assomam calmos, triumphaes, no horizonte ensanguentado de occaso.

Ao divisa-los, o filho de Anteu, que não dera pela morte do pae, puxa pela tunica do Tribuno vacillante:

*O meu navio, que lindo volta
Pra me buscar!...*

— *Ergue-me ao alto! Pega-me ao collo! Quero embarcar!*

Estava realiado, em todo o seu triumpho e esplendor, o sonho engrandecente do heroe.

*

Tal é o poema com que João de Barros quiz enriquecer a desorada poesia lusitana, pondo-lhe como introito este soneto de anthologia, que, por si, bastaria para recommendar o confortador volume:

*Foge o Presente, foge ás mãos sequiosas
De cingi-lo, apertá-lo, ao coração.
E as horas correm, tão vertiginosas,
Que mal as vemos, no seu turbilhão.*

*Umam dão sonho. N'outras nascem rosas.
Sonhos e rosas — porque nascerão?
Como a volupia incerta que tu gozas
Deixam saudades só, meu coração!*

*E é sempre esta saudade, esta agonia
De não prender a vida fugidia,
De ver fugir desejo, amor, verdade...*

*— Mas o Futuro vela e, fielmente,
Colhe as horas mais bellas do Presente
E d'ellas tece a nossa eternidade!*

Resta-me dizer que, para a capa do *Anteu*, edição cuidada de F. França e Armenio Amado, de Coimbra, deu Antonio Carneiro um seu estudo de nu, que pena é não suggerir inteiramente todo o surto espirital do heroe.

XVIII—Pão com manteiga. Revista em 1
acto e 5 quadros, original de João Bastos,
com musica de Filippe Duarte. (Theatro
Apollo 22 de Fevereiro).

NO Apollo, vão os fados — e são os fados um forte do estabelecimento — desmentindo os juizos d'A **Mascara**, que o designara como Mecca do schwalbachismo.

Exaurida a sua obra, começou Schwalbach a recorrer a outros auctores, dando, em traducção de Accacio Antunes, a conhecidissima zarzuela de Arniches e Garcia Alvarez, com musica de Valverde e Torregrosa, *El Pobre Valbuena*, e *O Diplomata dos Figurinos*, de Scribe e Delavigne, em versão de Accacio de Paiva, musicada por Filippe Duarte, bem como as velhas *Intrigas no Bairro* de Luiz de Araujo, a que o chronista, constipadissimo, não pode assistir.

Para quinta-feira da semana passada, outra novidade se annunciou: *Pão com manteiga*, revista de João Bastos. Como quasi toda a gente gosta de pão e manteiga, e muito boa gente delira com a sua revistinha, houve grande concorrência á Rua da Palma.

Quanto a *pão com manteiga*, só se ouviram alguns versos chôchos ditos por Alegnim, no Compadre: o *Papa-Moscas*.

Relativamente á revista, descontando um primeiro quadro — *Cosinha economica* — feito no antigo molde da allusão pessoal, com um coro de jornaes á mistura, e um *Bife com batatas*, duro de rilhar, apenas ha a lastimar que Eduardo Schwalbach, sobre quem pezam responsabilidades litterarias differentes das de outros illetrados empregarios, consentisse em dar guarida no seu theatro a um mostrengo tão disforme e desbragado, guarnecido previdentemente por Filippe Duarte com uma musica de enterro, e indigno até, em verdade, da fraquissima interpretação que lhe deram.

XIX—A' borda d'agua por Alfredo Guimarães. Ferreira, Limitada, editores. Lisboa 1912.

ALFREDO Guimarães estreou-se com um livro de versos, *Palavras*, onde me lembra de haver frescura e inspiração. Infel ao seu primeiro processo, surde-nos agora com um volume em prosa, *A' borda d'agua*, em que o poeta mantém ainda certa ascendencia, e que, pelo seu subjectivismo um tanto difuso, confirma as tendencias lyricas do auctor.

Não é certamente uma obra definitiva, nem marcante. Ha nella falhas de composição, descuidos, redundancias, e, sobretudo, alguns erros na escolha dos assumptos, de que o escriptor verdadeiramente esperançoso, que alli alvorece, mais tarde ha de sorrir-se. Ao lado, porem, d'esses senões, aggravados, de onde a onde, por uma revisão descuidada, em que abundam as palavras trocadas ou mal escriptas, reaes qualidades de observador se evidenciam, fortalecidas, amparadas, por um communicativo enternecimento ante a gente e a paizagem do norte.

A' borda d'agua pode condensar-se neste trecho, muito feliz, com que a obra se inaugura:

«Quando se abandonam os campos abrigados com a capa saragoceira da montanha, e cobertos do largo chapeu estrelado do firmamento—manhã fresca, manhã humida, em agosto, entra-se nas terras planas de areal, abrangem-se ao longe todas as barreiras do horisonte—é o mar que se levanta e as areias que ainda repoisam; e logo se vêm, em redôr, incharcadas do nevoeiro, as pastas do musgo glauco e aveludado que magestosamente cobrem as grandes, negras e teimosas penedias de toda uma praia deserta e enorme!... Na sua frente todo o camponez sensível se descobre e cala, maravilhado! .. Ondas sem fim, embalando ou abraçando-se, vêm subindo com vagar... Multiplica-se logo o sussurro dessas ondas com o

impeto bravio de outras ondas distantes, que cedo vêm. E então, dentro de toda a sua sinceridade e impulso, o camponez deixa cair todo o pesado guarda-sol de cana; ergue o busto, com cerimonia, e fazendo tres vezes o seu chapeu ao vento, exclama, comovidamente:

— Senhor mar, senhoras aguas... para que vivam!...

Tirando ao vocabulo o rustico sentido que suggere, o livro de Alfredo Guimarães é isso: o livro de «um camponez sensivel» — na sua tocante adjectivação.

Vivendo na cidade, corroido de civilisação, esse poeta delicadissimo, é, no fundo, uma alma provinciana, uma vibrante alma minhota, pantheisticamente namorada da natureza e da vida campesina.

Como o bom minhoto do seu introito, Alfredo Guimarães, abalando, da terra de Affonso Henriques, para as bandas da Povia, ao avistar o mar e a praia commoveu-se a tal ponto que não se limitou a «fazer ao vento» o seu chapeo por tres vezes. Encantado com o scenario do oceano, com os aspectos da vida de pescadores e banhistas, com os modos, trajes e historias dos poveiros, escreveu o *A' borda dagua* — que é como uma especie de diario das suas ferias estivaes.

Da promessa inilludivel de algumas suas paginas, já o leitor pode ter avaliado pela que transcrevi. Para lhe dar mais completa ideia do volume, fa-lo-hei ler esta, deveras curiosa, impressão de uma missa na Povia de Varzim:

«Vinde vel-os — vinde ver os poveiros do casaco com remendos soltos, grandes contas de osso pendendo do pescoço, o peito nu, as mãos quietas no barrete, que erguem para as luzes os olhos cançados de medirem as linhas dagua, pelo oriente das aguas! Olhae, olhae!... Erguem-se as mãos sobre as contas: — *Senhor do ceu, pelo descanso eterno!*... Resam, anciosamente... Um murmurio religioso e ancioso encaminha todas as almas — como todas as ondas, no mar errante, se encapelam umas sobre as outras.

— *Pelos do mar!*... *Bemditas almas!*... *S. José de Ribamar!*

Soluçam... E como as aguas cançadas, depois que uma

onda quebrou, as vozes de resa como que arfam, que estremeceem — anciando vida melhor, um sonho ainda mais infantil!...

Vinde vel-os — vinde ver que se engelham e cançam e sonham!... Mãos centenarias, já agora pesadas, já inuteis, levaram redes, todavia, crearam filhos e arrancaram ás cordas duras e fortes das lanchas!... Vede-as: gretadas e empedernidas, parece que se quebraram, as mãos vermelhas; que se tornaram estranhas aos proprios corpos que as possuem .. Sob o arco da igreja, entanto, o sol descobre, e os velhos clamam, comovidamente:

— *Que estaes no ceu, santificado seja o vosso nome...*

Ouvem-se choros soturnos... As aves cantam no beiral da capela.

— ... *venha a nós o vosso reino...*

E a campainha agita-se, o povo curva-se, ondula, como uma nova onda que toma embalo para depois subir e rugir. — *Santos, santos, santos!*...; e as cabeças que de novo se erguem, quasi todas eguaes, parecem cobertas e barradas da cinza triste de uma lareira morta...

— *Que estaes no ceu santificado...*

Vinde vel-os — vinde ver as faces engelhadas, embiocadas de preto, das viuvias; os olhos que se envidraçaram do choro, mortificados. Vinde ver as velhas do povo, gente que lutou e estreou, moças que foram de outro tempo — agora desfiguradas, de cabelo aspero recortado na frente, boca rude e ensopada de cuspo, os pés descalços, a camisa do peito arremendada.

— *S. José de Riba-mar!*... *Senhor do ceu...* *Os barcos, S. José, os barcos!*...

E, na infinita miseria e infinita tristeza, olhae a raça nomada a empalidecer, a minguar, a recolher-se em si mesma, como o ultimo fogo de um sol, sobre a barreira do mar!...»

Estão ahi bem patentes a arte e a sensibilidade do auctor original, em que Alfredo Guimarães pode vir a tornar-se, se continuár cultivando o ramo litterario para que o seu temperamento e as suas faculdades melhor o designam: o da litteratura regional, tão pobre até hoje no meio portuguez.

XX — O Rei das Montanhas. *Opera comica*
em 3 actos de Victor Léon, traducção de
Accacio Antunes, musica de Franz Lehar.
(Theatro da Trindade 27 de Fevereiro).

A Rua da Trindade está-se tornando um sitio, onde, á noite, vae sendo perigoso passar sem precauções. Calculem: no Gymnasio, *O Rei dos Gatunos*, mestre Arsenio Lupin, capaz de escamotear um chavelho ao diabo, sem elle dar por isso; agora na Trindade, Hadgi-Stavros *O Rei das Montanhas*, um bandido á moda de 1850!

Esse *Rei das Montanhas*, ouvido no sabbado em primeira audição — o que não é tal, como o cartaz pretende impingi-lo, o ultimo successo de Franz Lehar, pois que o seu mais recente triumpho é a *Eva* — veio corroborar, o melhor, isto é o peor, possivel, as considerações d'**A Mascara** a proposito da *Dançarina Descalça*. Todas as numerosas producções do cyclo austro-anglo-germanico da opereta moderna perdem metade do sabor ao serem transplantadas para Portugal, em virtude do luxo, do apparatus, das exigencias scenicas, vocaes e dramaticas, que o seu especial character requer.

E' licito affirmar que, apezar de Cremilda d'Oliveira ter ganho, no Brasil, un concurso de *Viuvas Alegres*, o publico portuguez ainda não faz bem ideia do que seja esse interessante reportorio de peças semi-alegres, semi-tristes, pouco falladas, muito cantadas, bastante valsadas, e assaz beijadas, aspergidas a Champagne e a milhões, com figuras femininas de cabecinha leve, leve graça, levissimo passo.

Nascidas de um beijo e de uma valsa, dentro de uma taça de Champagne, não dispensam taes peças excepçionaes qualidades de elegancia, de espirito, de modernidade, nas interpretações.

E onde está ahi a creaturinha — mesmo simplesmente, a creatura — com a fina, animada, seduzente feminilidade, pre-

cisa para taes heroínas; heroínas de nervos excentricos movidas gracilmente a compasso, sabendo, no palco, gizar sem indecoro o lubrico abandono dos abraços mais ardentes, e negar com talento, antes de o darem, em segundos sobre que lá fóra se fazem apostas, o beijo theatral, que taes operetas puzeram em voga?

Onde as ha por cá, se as melhorsinhas, ou estão ainda a estas horas, no *Moleiro de Alcalá*, ou reproduzem sem cessar a personagem da *Severa*?

*

Não pertence completamente a esse genero tão moderno *O Rei das Montanhas*, se bem *Sophia* e *Mary* sejam duas figuras um tanto aparentaveis ao feitio das que citei, e haja beijo e Champagne a meio do seu segundo acto — a altura regulamentar.

Explora a opereta moderna dois campos diversos: esse das elegancias, a que mais particularmente quiz alludir — *Viuva Alegre*, *Conde de Luxemburgo*, *Princeza dos Dollars*, *Sonho de Valsa* — e outro, o das peças de costumes exóticos, como *A Geicha*, para não fallar de outras, ainda não representadas em Lisboa.

Entre essas ultimas, figura *O Rei das Montanhas*, a que a importancia da partitura desproporcionada e algo pretenciosa, converte, mais rigorosamente, em opera comica.

Sendo uma peça banal, de entrecho archaico, sem interesse de maior, extrahida por Victor Léon do romance de igual titulo de Edmond About, não é uma obra divertida, visto que Franz Lehar desdenha, por principio, o comico dos entrechos que musica: o que não quer dizer que não haja no *Rei das Montanhas* uma parte comica, a qual; assustados com as difficuldades da musica, os seus interpretes da outra noite gaudiram lugubrememente.

Com um scenario engenhoso, vistoso, variado; um guarda-roupa de gosto; boa orchestra; coros razoaveis; razoaveis

bailarinas; e sobretudo, com artistas affeitos ao genero, *O Rei das Montanhas* tornar-se-hia, muito supportavelmente, um spectaculo agradavel.

Na Trindade, nada d'isso teve: scenario mau, carregado, trivialissimo; coros pessimos; orchestra titubeante; vestuario estapafurdio; marcação detestavel; e, ainda por cima, um desempenho absolutamente inferior e compromettedoramente divorciado do espirito da obra.

Leitão, que está bem em scena — o que já não aconteceu ao seu *fez* encarnado e teimoso — não tem garganta para o exigente protagonista. Medina de Souza, que nem pela voz se salvou, como costuma, é, em tudo, a antithese de uma grega educada em Paris. Palmyra Bastos, que no segundo acto, a quando a dança de festa, se limita a segurar no pandeiro, dá á *Mary* agaiatada e travessa do original todo o ar de uma virtuosa educanda, sahida pela primeira vez do collegio para ir visitar as montanhas da Grecia. Ferrari, no official americano, arranhando-nos frequentemente os ouvidos a cantar em chinez, torna-se insupportavel ao declamar em macarronico. Aconselhar-lhe-hia a conveniencia de aprender a representar, se não lhe fosse mais urgente dedicar-se alguns annos ao estudo do portuguez, que não pode admittir-se estropiado d'essa maneira num palco da capital.

O Rei das Montanhas é a historia de um bandido celebre das montanhas de Athenas, *Hadgi-Stavros*, ao mesme tempo *Principe de Parnes*. Como principe, mandou educar em Paris uma sua filha, *Sophia*, que, tornada á patria, nunca vê o pae. Este campeia á solta nas suas paragens de bandoleiro, onde lhe cahem nas mãos uma ingleza e a filha, *Mary*, que se apaixonou pelo salteador, um sabio massador, e um official americano de um barco surto no porto, o qual, namorado de *Sophia* apostou apossar-se de *Stavros*. Sabendo d'essa aposta, *Stavros* escreve á filha, dizendo-lhe que só consentirá no seu enlace com *Harris*, o americano, se elle conseguir apoderar-se do terrivel bandido — que é elle proprio. *Harris* e *Sophia* vêm tambem a cair em poder dos ladrões. Sabendo que estão alli, *Stavros* restitue-os á liberdade. No terceiro acto, é a bordo do

navio de *Harris*, que ainda não desesperou de ganhar a aposta. *Stavros* vem entregar-se-lhe *de motu proprio*. *Harris* prende-o na sua *cabine*. D'ahi a pouco, *Stavros* manda-se-lhe annunciar como *Principe de Parnes*; n'essa qualidade, consente no casamento da filha, e, victoria, victoria, acabou-se a historia.

*

Restar-me-hia fallar da musica. Com a execução hesitante que a orchestra da Trindade lhe imprimiu, torna-se difficil aprecia-la. Pareceu-me, em todo o caso, a mais trabalhosa e trabalhada das partituras de Franz Lehar, inspirado aqui, val-sante alem, supprindo, acolá, a valsa e a inspiração com flo-reios complicados de orchestração.

A canção de *Stavros* merece registo, e o segundo acto, compridissimo, tem viveza, polyphonia e rythmo nos seus di-versos motivos.

XXI — Ainda o verso de Gil Vicente: Ora
venho a caro a ré do Auto da Barca do Inferno.
Mais um documento.

DESEJANDO archivar nas suas paginas todo o processo d'esta interessante questão, transcreverá *A Mascara* mais a seguinte carta, publicada no *Diario de Noticias* de 12 de Fevereiro, apesar de pouco adeantar sobre o assumpto:

Sr. Redactor — Com a epigrapha acima (*Sobre um verso de Gil Vicente*) publica v. no *Diario de Noticias* de quinta-feira uma carta aberta do sr. Henrique Lopes de Mendonça ao sr. Affonso Lopes Vieira sobre a interpretação que este illustre poeta deu ao verso 3 do *Auto da Barca do Inferno*, seguindo a opinião da douta romanista D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

A lição que o sr. Lopes Vieira nos apresenta, embora em nome de uma doutissima senhora que todos veneramos pelo seu alto saber, tambem não satisfiz a minha curiosidade de simples estudioso. E embora — lealmente o confesso — eu não encontrasse na sumaria analyse que venho fazendo aos *Autos* de Gil Vicente, melhor explicação do caso, é certo porém que sempre supuz que o verso se explicaria por uma ordem de manobra nautica, como outros seguintes

A interpretação agora apresentada pelo sr. Lopes de Mendonça parece-me clara e irrefutavel, sugerindo-me porém as seguintes observações:

Embora em todos os *Autos* de Gil Vicente haja sinais evidentes do desleixo e desatenção dos copistas, que muitas vezes se arvoraram em correctores, não me parece que no verso em questão:

ora venho a caro a ré.

como se lê nas edições de Hamburgo e Lisboa (1852), haja mais que um descuido de composição consistindo na troca en're a vogal do artigo e a vogal final do verbo, facto frequente ainda hoje em provas typographicas.

Quanto á falta de geminação ou dobramento do *r*, não me parece constituir motivo para o illustre investigador acusar o copista, ou antes, o typografo que apenas comporia o que Gil Vicente escreveu.

Certas alterações que sofreram as palavras da nossa lingua em determinadas epochas, atravessaram os tempos e, a par das formas cultas, veem até nós aferradas ao linguajar do povo que é um grande mestre. Temos abundantes exemplos no proprio texto vicentino.

Caro seria pois forma popular de *carro*, no sentido apontado, porque

ainda hoje a ouvimos entre os marítimos do nosso Tejo, a par das equivalentes: *cairo* e *carro*.

«Navegar a *carro*, *cairo*, ou *caro largo*» é navegar com a escota folgada e verga atravessada, caçando a orça de barlavento (1).

A voz do arrais do Inferno:

ora venha o caro a ré.

equivale perfeitamente á que ainda hoje emprega o arrais de uma embarcação de latina triangular: «ala ou pucha o *caro* (*carro*, *cairo*) a ré» para que, quando orça, a parte da vela que está a vante do mastro, ficando num plano perpendicular á linha do vento, ao chegar ao cais, quebre ou retarde a velocidade da marcha.

Mas melhor que eu o sabe o sr. Lopes de Mendonça, esta manobra só se faz navegando, quer á chegada quer á partida de um ponto qualquer, desde que o vento é á pôpa.

Teria a caravela do diabo abicado á praia no instante em que começa o *auto*, como diz o sr. Lopes de Mendonça? (2) Não o poderemos determinar bem. Os versos seguintes parecem indicar que ela se dispõe a partir:

«E atesa aquêle palanco

.....

A' barca, á barca, hu!

Asinha que se quer ir,

Oh que tempo de partir!

.....

Faze aquella poja lesta

E alija aquella driça

.....

Verga alta, ancora a pique.»

Por isso me parece, com o devido respeito pelo criterio do sr. Lopes Vieira, que, para harmonisar rigorosamente a encenação com o texto, deveria o Diabo dizer parte desta sua primeira fala, dentro da caravela ou barca, no seu posto, como bom arrais . . . *cacilheiro*.

O que não sofre duvida é que o verso:

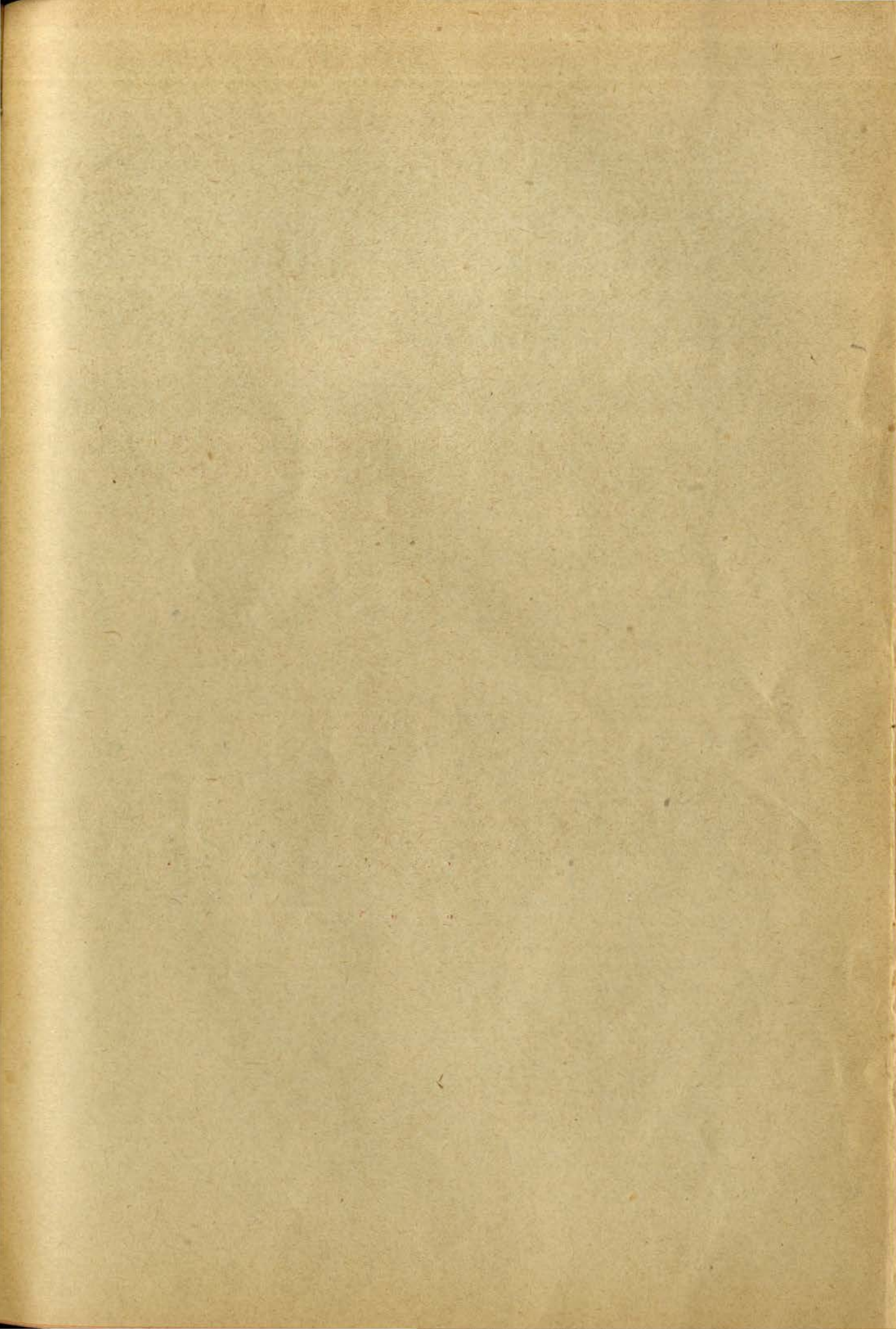
«ora venha o caro a ré»

está perfeitamente justificado como voz nautica que os versos seguintes autorisam, mas será bom ter se em vista, para os efeitos da encenação que esta voz, hoje e no tempo de Mestre Gil, só se dava *navegando*.

Que me perdoe este atrevimento o sr. Lopes de Mendonça que eu muito admiro e considero. Subscreevo-me, sr. redactor, com consideração. De v., etc.
Oscar de Patt.

(1) *Cairo* era tambem, no mesmo sentido, termo de velha nautica, como diz Moraes, citando a *Restauração* de Pinto Ribeiro: «navegar tanto a *cayro largo*».

(2) Uma embarcação de latina, chegada a um cais, preparando-se para ficar, «mete o *carro dentro*».





✻ ✻ A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

PREÇOS

AVULSO:

Portugal..... 50 réis
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adeantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis
Brazil..... 2\$500 réis (moeda fraca)

✻ Toda a correspondência relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FFRIN. EDITORA. BAPTISTA, TORRES & Ct.^a, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

✻ A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.^o, Esq.^o ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

✻ Agentes d'A MASCARA:

✻ COIMBRA — LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻